

A Arte Luminosa de Claude Monet

Está fazendo precisamente um século que, numa exposição de arte em Paris, este jovem rebelde fez a apresentação formal da pintura impressionista

JANET GRAHAM



Retrato de Claude Monet aos 32 anos, por Renoir (1872)

LOUCO, grotesco, hediondo e revoltante!», vociferava um crítico de arte em Paris, em abril de 1874. O alvo de sua crítica era uma original exposição de pinturas, pastéis e desenhos, da responsabilidade de um grupo de amigos,* que tinham

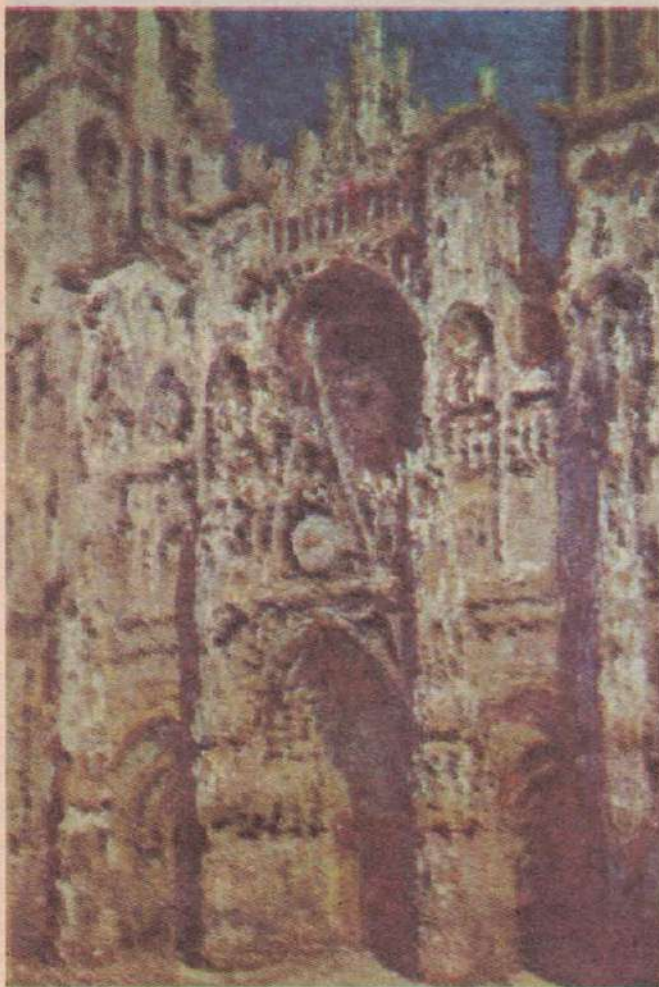
se recusado a apresentar suas obras no Salão oficial de Paris. Os jovens rebeldes não usavam apenas cores inauditas, e técnicas aparentemente improvisadas; tinham também a audácia de retratar cenas simples da vi-

da cotidiana (campos de papoulas, mulheres lavando, barcos de pesca), em vez dos solenes retratos e dos grandiosos temas históricos então em moda. Sua exposição, em breve, se tornou o assunto das conversas em

* Eram eles: Claude Monet, Auguste Renoir, Paul Cézanne, Edgar Degas, Alfred Sisley, Camille Pissarro, Armand Guillaumin, e a pintora Berthe Morisot.



A dama de verde, tela datada de 1866 (2,26m x 1,48 m)



Catedral em Rouen, tela data de 1894
(1,07 m x 0,73 m)

Paris. O público a visitava para trocar, e até para discutir, acerca das telas.

Uma pequena paisagem marítima era especialmente ridicularizada – representava uma vista do porto de Le Havre de manhã cedo. O artista, Claude Monet, tinha denominado sua obra de *Impressão: Sol nascente*,* e um crítico sarcástico se aproveitou deste título como um termo adequado a todo o grupo, que ele batizou de impressionistas.

* Título francês: *Impression: Soleil Levant*. O quadro, datado de 1872, encontra-se no Museu Marmottan, em Paris. As numerosas obras de Monet doadas por Michel Monet, filho do artista, também se encontram em exposição nesse museu desde 1971.

FOTO GIRAUDON, MUSEU MARMOTTAN, PARIS. © SPADEM 1974

Impressão:
sol nascente,
de 1872
(0,45 m x
x 0,55 m)





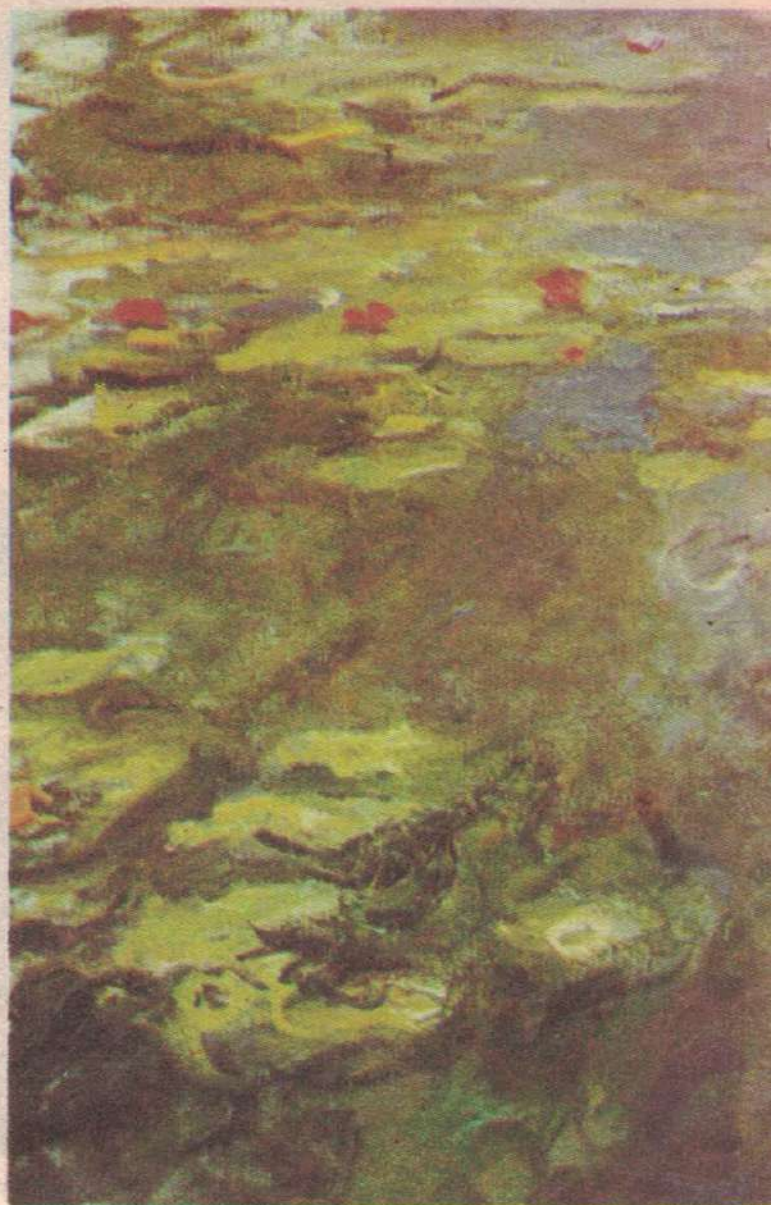
Campo de papoulas, de 1873 (0,50 m x 0,65 m)

A exposição foi uma catástrofe financeira: nem um só quadro foi vendido. Porém o novo estilo tinha agora um nome que iria ressoar em todo o mundo. Desde então, as obras dos impressionistas deliciaram milhões de pessoas, e se tornaram um dos tipos de pintura mais procurados. Em 1968, um óleo de Renoir atingiu 1,55 milhão de dólares, num leilão de arte em Nova York, o que constituiu um recorde de todos os tempos para uma pintura impressionista. A pequena paisagem marítima de Monet vale agora cerca de dois milhões de dólares.

Foi Monet quem persuadiu seus amigos a adotar a alcunha dada pelos críticos como um *slogan* de desafio; em breve, ele se tornou o líder incontestado do grupo. Com sua estatura robusta, farta cabeleira castanha, olhos de um negro profundo e um rosto perfeito, barbudo, Claude Monet parecia resplandecer de confiança. Foi ele quem insistiu para que continuassem a pintar no mesmo estilo, até que o público francês apreciasse sua obra. Renoir disse depois: «Se não fosse o meu querido Monet, que a todos nos deu coragem, teríamos desistido.»

FOTO MUSEUS NACIONAIS, MUSEU DO LOUVRE, PARIS, © SPADEM 1974

Lírios aquáticos, *tela pintada em*
1919-1926 (1,06 m x 1,82 m)

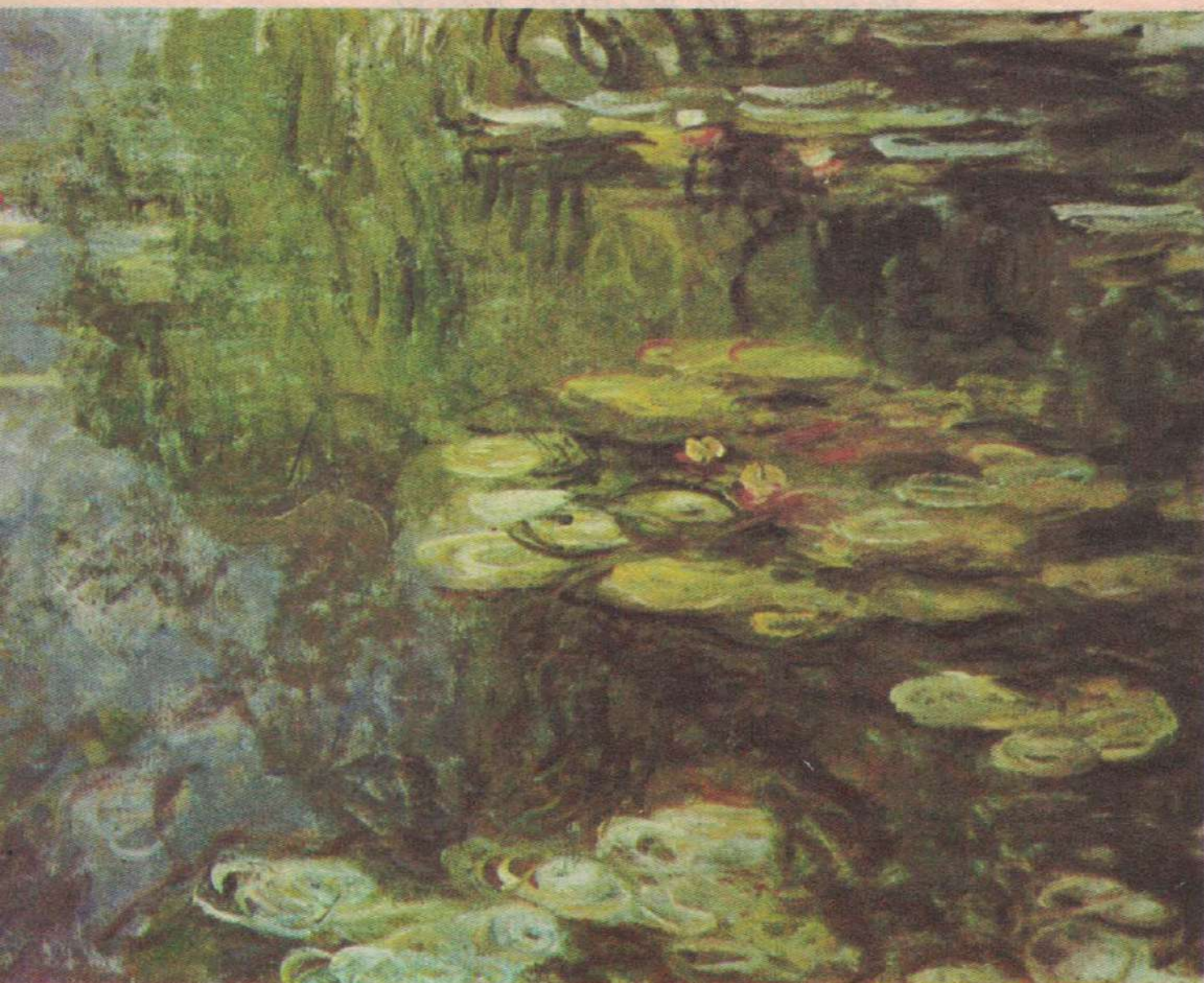


Mais do que nenhum outro pintor, Monet procurou captar o momento passageiro, mais do que os firmes contornos das coisas em si. «A luz é a personagem principal do quadro», disse Monet. Ele descreveu como lutava para retratar «a beleza do ar... e isto é impossível». Durante uma longa vida de esforço heróico para conseguir o impossível, Monet produziu obras-primas de deliciosa perspectiva imediata — quase podemos sentir a brisa que faz com que as nuvens se desloquem rapidamente por trás da moça com a sombrinha, ou cheirar o ar salgado nas suas paisagens marítimas rochosas e banhadas de espuma do mar. Em quase todas as suas obras notamos uma sensação de realidade.

Monet em seu jardim,
de Giverny

FOTO ROGER VIOLETTE, PARIS.





Trabalho ao ar-livre. Filho mais velho de um merceeiro, Claude-Oscar Monet nasceu em Paris a 14 de novembro de 1840, mas a família se mudou pouco depois para a Normandia. Seu talento para as caricaturas logo chegou aos ouvidos do paisagista Eugène Boudin, que convidou Monet, então com 18 anos, para pintar com ele ao ar-livre, uma nova idéia tornada possível graças à recente invenção de tintas a óleo, em bisnagas, prontas a usar. A princípio céptico, Monet foi vencido pela experiência. Já no fim da vida, ele continuava a afirmar que

era essa a maneira ideal de um pintor paisagista trabalhar. Certa vez, quando um jovem pintor lhe pediu que lhe desse lições, Monet apontou para o céu, as árvores e o rio, e disse: «Teus mestres estão ali. Pede-lhes que te ensinem, e escuta o que te dizem.»

Com as economias conseguidas com a venda de suas caricaturas, Monet foi para Paris estudar arte. Um dia, anos mais tarde, quando estava trabalhando com seu professor, o pintor acadêmico Charles Gleyre, ele o ouviu repreender outro estudante, por não encarar a pintura como um severo exercício

formal: «Não há dúvida de que você se ocupa com a pintura só para se distrair.» «Claro que sim», disse o estudante, «e se ela não me distraísse, não pintaria.» O jovem era Renoir. Os dois estudantes se tornaram amigos, e deixaram o estúdio abafado para trabalhar ao ar-livre, em Chailly, próximo do bosque de Fontainebleau.

Contudo, Monet não tinha ainda desenvolvido sua revolucionária técnica impressionista. Alguns dos seus quadros chegaram a ser aceitos pelo Salão oficial de Paris e, aos 26 anos, ganhou um encorajante louvor de um crítico, pela sua obra *A dama de verde** — um retrato jovial e vigoroso da sua amante, Camille Doncieux.

Pobreza. A delicada Camille, de cabelo escuro, foi, durante muitos anos, uma inspiração para o pintor, mas os pais de Monet, burgueses, ficaram furiosos com essa ligação, e, quando souberam do nascimento do primeiro filho de Monet, Jean, em 1867, retiraram-lhe toda a ajuda financeira. Por várias vezes, a pequena família, sem vintém, foi despejada, por não pagar o aluguel. Em 1869, Monet escreveu ao pintor Bazille: «Durante oito dias, nem pão, nem carvão, nem luz.» Seu amigo Renoir, também sem recursos, roubava pão à sua mãe, para matar a fome da família de Monet.

Mas esse verão marcou um ponto alto de realização criadora, tanto para Monet como para Renoir. Procurando reproduzir a cintilação da luz do sol

na água e o tremular das folhas, eles começaram a pintar de um novo modo, banindo de suas paletas os tons escuros, e usando pequenas manchas e pinceladas de cor pura, justapostas de tal modo que parecessem fundir-se quando vistas à distância.* Nesse verão, nasceu a pintura impressionista — ainda então sem nome.

No ano seguinte, Monet casou com Camille, mas, depois do tumulto da guerra franco-prussiana, ele a deixou aos cuidados de pessoas amigas e foi para Londres. As neblinas envolventes e os espessos nevoeiros da cidade o fascinaram, e, em viagens posteriores, concluiu uma série de estudos iridescentes das pontes do Tâmesa e das Câmaras do Parlamento, vistas a uma luz estranha e sobrenatural. Foi também em Londres que ele conheceu Paul Durand-Ruel, o negociante de arte francês, que se tornaria o salvador financeiro dos impressionistas.

Terminada a guerra, Monet voltou para França, e, em fins de 1871, mudou-se, com Camille e o jovem Jean, para Argenteuil, perto do Sena, e aí residiram durante os seis anos seguintes. Dia após dia, de manhã à noite, Monet pintava ao ar-livre. Comprou mesmo um barco-estúdio, de maneira a poder pintar no próprio rio, em todas as épocas do ano.**

* No fim do verão de 1869, tanto Monet como Renoir produziram pinturas de *La Grenouillère*, um restaurante em Bougival. *La Grenouillère* de Monet está no Metropolitan Museum of Art, em Nova York.

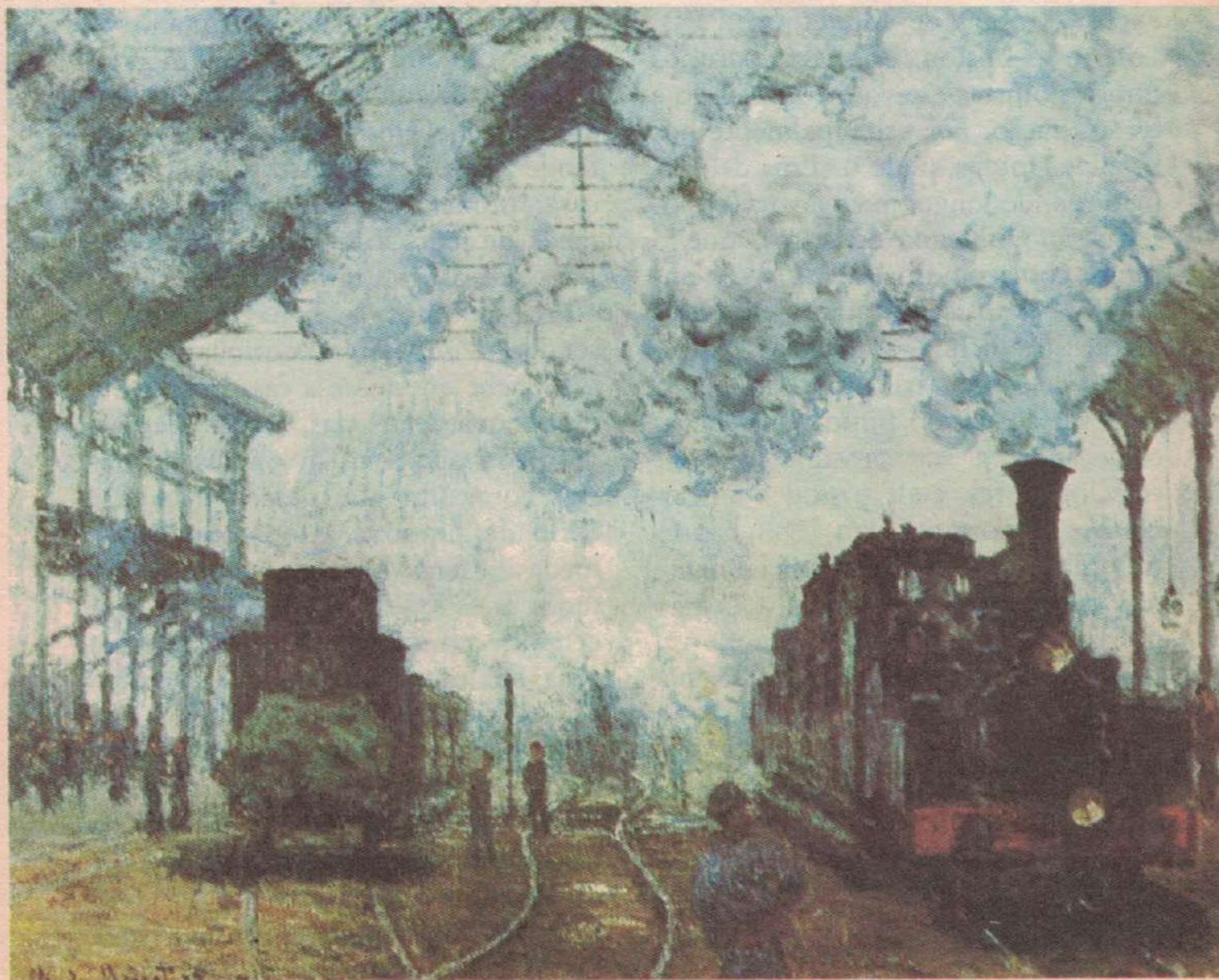
** Uma pintura do barco-estúdio, intitulada *Le Bateau Atelier*, está no Museu Kröller-Müller, em Otterlo, na Holanda.

* Em francês: *Camille*, ou *La Robe Verte*. A pintura data de 1866 e encontra-se agora no Kunsthalle, em Bremen, Alemanha.

Monet pintava com qualquer tempo. Se o Sena gelava, enterrava no gelo o cavalete e o banco, e mandava vir uma botija d'água quente para aquecer os dedos entorpecidos. Pintando na paria de Belle-Ile-en-Mer, um temporal, ele e o banco foram lançados contra uma rocha. (Em algumas das suas paisagens marítimas, ainda se podem ver, incrustados, grãosinhos de areia atirados pelo vento.)

Gare St. Lazare, quadro pintado em 1877 (0,82 m x 1,00 m)

Com a mesma paciência, ele continuou enfrentando as tempestades da sua vida privada. Depois do nascimento do segundo filho, Michel, em 1878, Camille adoeceu gravemente. Monet teve de ser enfermeiro, cozinheiro, tomar conta das crianças e ainda arranjar tempo para palmilhar as ruas, tentando vender por uma ninharia suas telas magistrais. No entanto, nessa época de trágicas preocupações, ele conseguiu produzir uma gloriosa explosão de alegres cores, como foi *A Rua Montorgueil enfei-*



tada de bandeiras, quase como se estivesse apertando a mão do destino. A cor e a luz se tornaram cada vez mais uma obsessão nele. Quando, no ano seguinte, Camille morreu, ainda sem ter completado os trinta anos, mas gasta por uma vida de privações, Monet se sentou junto ao leito. Então, ele foi atormentado pelo conhecimento de que seu olho de pintor ia, involuntariamente, notando as sutis alterações de tom e cor que a morte estava trazendo ao rosto de Camille. *

O Paraíso na Terra. Quatro anos mais tarde, em 1883, Durand-Ruel expôs as obras de Monet em Paris, Londres e Boston. Por essa época, os impressionistas estavam começando a ter aceitação. Foi principalmente nos Estados Unidos, onde o clima de opinião era, de longe, mais favorável aos novos movimentos artísticos, que o pintor começou, finalmente, a ter êxito. Uma exposição de 1886, em Nova York, que incluía 45 magníficos trabalhos de Monet, constituiu um ponto de reversão para o pintor: suas obras começaram a ser procuradas pelos colecionadores, e ele passou a ser um homem importante. Em 1888, a própria França reconheceu oficialmente seu valor, propondo-o para a Legião de Honra, uma distinção que ele recusou com aspereza — de modo nenhum se curvaria à tradição.

* O Museu Calouste Gulbenkian, em Lisboa, possui duas telas de Monet: *Nature morte* (Natureza morta, 0,53 m x 0,73 m) e *La débâcle* (degelo, 0,68 m x 0,90 m), e o famoso *Portrait de Mme. Claude Monet* (Retrato de Mme. Claude Monet, 0,53 m x 0,717 m), pintado por Renoir. (Nota do editor.)

Na década de 1880, pela primeira vez, Monet conseguiu desfrutar uma vida próspera e feliz. Viúvo, com dois filhos, passou a viver com Alice Hoschedé, também viúva, e mãe de seis crianças. O casal, com seus oito filhos, descobriu uma casa-de-campo, de persianas cinzentas e construção irregular, em Giverny, a 75 quilômetros de Paris. Um pequeno regato serpava por entre os prados, e até havia uma linha de estrada-de-ferro de via única, na qual passavam quatro trens por dia, perto do jardim de Monet. Para ele, Giverny era o paraíso terrestre: viveu nesse lugar e o amou, e aí pintou durante 43 anos, até morrer.

Certo dia, quando ele e sua enteada, Blanche Hoschedé, estavam pintando juntos, nas encostas perto de casa, Monet começou a pintar uma meda de feno, à luz do fim de tarde. Para seu constrangimento, ao fim de quinze minutos, a luz havia alterado, sendo-lhe impossível continuar. Pediu a Blanche que fosse a casa buscar-lhe uma nova tela, mas, pouco depois, verificou que precisava ainda de outra. Foi assim que nasceu a famosa Série de pinturas. Monet pintava a meda de feno, a todas as horas e em todas as estações, saindo de casa com cerca de uma dúzia de telas; pintava uma até que a luz ou as condições atmosféricas se alterassem; então, pegava outra, para experimentar as condições modificadas. De modo semelhante, estudou e pintou a fachada da imponente catedral gótica de Rouen, durante dois anos. Cinco das suas pinturas da catedral se encontram hoje no Museu Jeu de Paume, em Paris.

«Que olho!» Para Monet, a água foi sempre o tema preferido. Pouco depois de ter se mudado para Giverny, desviou o pequeno regato para fazer um lago, e nele plantou lírios amarelos, vermelhos, rosados, azuis e brancos. À medida que o tempo passava, ia ficando obsecado por esse lago, pintando-o repetidamente durante quase 30 anos, os seus quadros tornando-se cada vez maiores e mais abstratos. Olhando as enormes telas de seus últimos anos, parecemos estar suspensos sobre um mundo aquático e sobrenatural, vendo as nuvens refletidas deslizar através da superfície por entre os tufos de lírios.

O melhor amigo de Monet, na sua velhice, foi o Primeiro-ministro Georges Clémenceau. Um dia, Monet contou-lhe que sonhava criar uma galeria inteiramente decorada com as enormes telas dos lírios aquáticos em toda a volta das paredes: num mundo despedaçado pela guerra, ele queria construir um local de contemplação pacífica. Clémenceau o encorajou a levar avante o projeto.

Mas os olhos de Monet estavam enfraquecidos: por vezes, ele rasgava furiosamente as telas em que não conseguia reproduzir suas visões. Uma ou

duas vezes declarou que ia desistir. Então, o atarefado primeiro-ministro ia de Paris a Giverny, para incitar o velho pintor a continuar. «Pinte! Pinte! Você conseguirá obras-primas, quer o saiba quer não!» Clémenceau tinha razão. As *Decorações dos lírios aquáticos*,* que se encontram nas galerias do Museu de l'Orangerie, em Paris, doadas pelo artista à nação francesa para celebrar o Armistício de 1918, são reconhecidas como as realizações supremas de Monet.

Sua visão melhorou com uma operação de cataratas, e Monet continuou trabalhando quase até o fim da vida. Por vezes, ainda se enfurecia e rasgava as telas, mas, quando a pintura decorria bem, ele sabia que quase tinha conseguido realizar o sonho de sua juventude, «a beleza do ar, o impossível». Pouco antes de morrer, aos 86 anos, conseguiu escrever de Giverny acerca da alegria incomparável do trabalho realizado nesse dia.

Monet deu ao mundo uma nova maneira de ver. Como seu amigo Cézanne afirmou dele: «Monet é apenas um olho – mas, meu Deus, que olho!»

* Em francês: *Décoration des Nymphéas* ou *Les Nymphéas*.



CERTA noite, ao voltar para casa, a corista italiana Minnie Minoprio e o marido não encontraram o peixe vermelho no aquário. Perto, o gato lambia os bigodes, junto do que sobrara dele, um pedaço de cauda. «Ele já vai ver», exclamou o marido, agarrando o gato pelo pescoço. «Vou ensiná-lo a se portar bem.»

«Já começa você outra vez!», interrompeu Minnie, segurando-lhe o braço. «Já sabe que o gato é que é o culpado, não é? Como é que você descobriu que não foi o peixe que começou?»

– Press Service Interphoto